



**DOSSIÊ ENVELHECIMENTO,
TERRITÓRIO E AMBIENTE**

Editor

Alejandro Perez Duarte Fernandez
e Patrícia Samora

Suporte

Fundação de Amparo à Pesquisa
do Estado de São Paulo (Processo
nº 2019/02186-0).

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver
conflito de interesses

Recebido

20 maio 2024

Versão Final

3 out. 2024

Aprovado

15 out. 2024

Parâmetros inovadores de projeto arquitetônico para moradias institucionais com base nas percepções de ambiência de residentes idosos

*Innovative architectural design parameters for
institutional housing based on older residents'
perceptions of ambiance*

Maria Luisa Trindade Bestetti¹ , Mariana Alves da Silva do Nascimento¹ 

¹ Universidade de São Paulo (USP), Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Gerontologia. São Paulo, SP, Brazil. *Correspondência para/Correspondence to:* M. A. S. Nascimento. *E-mail:* mari.alvesnascimento@gmail.com.

Como citar este artigo/How to cite this article: Bestetti, M.L. T; Nascimento, M. A. S. Parâmetros inovadores de projeto arquitetônico para moradias institucionais com base nas percepções de ambiência de residentes idosos. *Oculum Ensaios*, v. 21, e2412984, 2024. <https://doi.org/10.24220/2318-0919v21e2024a12984pt>

Resumo

A população idosa no Brasil tem crescido exponencialmente, levando a necessidade de novas alternativas de moradia, incluindo opções mais adequadas para instituições de longa permanência. Portugal vivencia esse processo há mais tempo e serve como um caso relevante para estudo. Esta pesquisa teve como objetivo identificar elementos arquitetônicos inovadores em moradias institucionais para pessoas idosas com base na experiência portuguesa. Sete instituições na região de Lisboa serviram como estudos de caso, onde foi realizada uma pesquisa qualitativa e exploratória com 61 residentes. Eles foram questionados sobre a ambiência de suas moradias, considerando o ambiente físico e emocional. Foram utilizados questionário, roteiro de entrevista e diários de campo para coletar dados, que foram categorizados e analisados através de análise de conteúdo temático. As respostas foram agrupadas em três domínios: Conforto ambiental, Bem-estar e Pertencimento, e os termos foram categorizados em Vantagens, Barreiras e Sugestões. Entre as 16 subcategorias definidas, aspectos como interação social, agência, pertencimento, autonomia e bem-estar no ambiente institucional foram mencionados. Em parâmetros arquitetônicos, isso significa incorporar ao projeto elementos como privacidade em espaços compartilhados, reduzir ruídos, acomodar objetos e móveis pessoais, criar espaços estimulantes e de fácil identificação, entre outros. Em conclusão, as percepções das pessoas idosas sobre a ambiência podem servir de inspiração para a criação de projetos arquitetônicos inovadores em instituições de longa permanência no Brasil. Cabe aos profissionais de arquitetura e urbanismo ouvir atentamente e compreender o contexto de cada instituição para incorporar em seus projetos, com criatividade, os parâmetros mais adequados a cada realidade.

Palavras-chave: Arquitetura. Envelhecimento. Instituições de longa permanência. Pessoas idosas.



Abstract

The older population in Brazil has been growing exponentially, leading to a need for new housing alternatives, including more adequate options for long-term care facilities. Portugal has experienced this process for a longer period and serves as a relevant case for study. This research aimed to identify innovative architectural elements in institutional housing for older adults based on the Portuguese experience. Seven care homes in the Lisbon region served as case studies, where qualitative and exploratory research with 61 older residents was conducted. They were inquired about the ambiance of their homes, considering the physical and emotional environment. A questionnaire and semi-structured interview script were used along with field diaries. Data was categorized and analyzed using thematic content analysis. The responses were grouped into three domains: Environmental Comfort, Well-Being, and Belonging, and terms categorized into Advantages, Barriers, and Suggestions. Among the 16 subcategories defined, aspects such as social interaction, agency, belonging, autonomy, and well-being in the institutional environment were mentioned. Regarding architectural parameters, it meant embedding in the design elements such as privacy in shared spaces, noise reduction, accommodation of personal objects and furniture, and stimulating spaces for socializing, among others. In conclusion, the perceptions of older people about the ambiance can serve as inspiration for creating innovative architectural designs in long-term care institutions in Brazil. It is up to architecture and urban planning professionals to carefully listen and understand the context of each institutional housing to creatively incorporate the most appropriate parameters for each reality in their designs.

Keywords: *Aging. Architecture. Care homes. Long-term Care Facilities. Older people.*

Introdução

O Brasil apresenta taxas significativas de crescimento da população idosa, exigindo uma análise urgente de como atender a necessidade de acomodações adequadas. De acordo com dados das Nações Unidas (2019), a população acima de 65 anos aumentaria de 6,9% para 9,3% de 2000 a 2020. No entanto, o último censo mostrou que o grupo de adultos mais velhos, com 60 anos ou mais, atingiu 15,6% da população brasileira (Bello, 2024). A taxa de natalidade decrescente determina um cenário futuro com menos cuidadores informais e uma maior necessidade de cuidados terceirizados, o que leva à opção de moradia institucional.

Instituição de Longa Permanência para Pessoas Idosas (ILPI) é o nome dado às residências coletivas para idosos no Brasil, uma nomenclatura técnica adaptada da expressão “Long-Term Care Facilities” (LTCF), utilizada pela Organização Mundial da Saúde – OMS (Camarano; Kanso, 2010; Costa; Mercadante, 2013). Sua operação é orientada por um regulamento técnico da Resolução da Diretoria Colegiada nº 502 (RDC) da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), parte do Ministério da Saúde (Brasil, 2021). Inclui características físicas e suporte profissional para atender aos preceitos de uma boa qualidade de vida para residentes idosos. Embora as ILPIs no Brasil sejam frequentemente confundidas com asilos, elas têm evoluído no atendimento a pessoas cada vez mais idosas, considerando as especificidades da velhice e as demandas contemporâneas (Silva; Yamaguchi, 2017).

A ruptura da familiaridade na transição da residência original para a moradia coletiva e o avanço de diferentes graus de dependência são questões relacionadas à heterogeneidade na velhice. Ao longo da vida, a pessoa constrói sua história em uma determinada cultura e espaços, incluindo ambientes sociais e físicos, que se tornam lugares por meio de seu uso e apropriação, subjetividade e conexão, dando grande significado a determinados ambientes (Nascimento, 2023; Pedroso, 2018). À medida que envelhecemos, esses lugares, especialmente o ambiente doméstico, proporcionam um senso de pertencimento, conforto e autonomia, devido às rotinas, à familiaridade e às idiossincrasias criadas ao longo do tempo (Nascimento, 2023; Rowles, 1983), o que acaba afetando a saúde e o bem-estar das pessoas idosas.

Portanto, é importante considerar as necessidades e expectativas dos residentes mais velhos em relação aos seus ambientes de moradia. Quando conhecemos a realidade de muitas ILPI brasileiras, no entanto, percebemos que o foco na assistência tem dominado o cuidado, muitas vezes deixando de lado o protagonismo dos residentes (Costa; Mercadante, 2013; Silva; Nascimento; Bestetti, 2020). Por um lado, isso resulta da intenção de oferecer o melhor serviço, por outro, resulta na sobrecarga dos funcionários, que são obrigados a buscar produtividade e deixam de oferecer um serviço mais sensível às necessidades emocionais dos residentes.

Refletindo sobre os atuais modelos brasileiros de moradia para pessoas idosas, faltam alternativas para diferentes demandas. Em Portugal, o fenômeno do envelhecimento vem ocorrendo por um período mais longo e em ritmo mais lento do que no Brasil. Como resultado, Portugal já superou muitos dos problemas no setor de assistência e moradia que a sociedade brasileira está enfrentando atualmente e terá de enfrentar em breve. Nesse sentido, as Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas (ERPI) de Portugal oferecem diferenciais interessantes, uma vez que o continente europeu ajustou-se à necessidade dessas acomodações mais cedo do que a América Latina.

A experiência portuguesa apresenta contribuições importantes para propostas inovadoras em habitação institucional (Fonseca, 2018, 2023). Por exemplo, o preconceito contra moradias coletivas está sendo combatido pela combinação de ERPI com outras instalações e serviços no mesmo prédio, como creches e centros-dia para pessoas idosas, integrando a comunidade local e os residentes. A proximidade com outros países também permite a troca de informações, práticas e tecnologias que os mantém atualizados com os novos desenvolvimentos. A tecnologia, nesse contexto, refere-se às ferramentas e aos métodos usados para realizar tarefas (Amaral, 2015). Isso inclui dispositivos de assistência que facilitam o trabalho e processos que podem ser ajustados para melhorar a eficácia dos serviços. Apesar das diferenças em relação ao envelhecimento e aos cuidados no Brasil e em Portugal, as semelhanças culturais, linguísticas e, mais especificamente, operacionais entre a ILPI e a ERPI apoiam a pesquisa realizada nesse país europeu, usando-o como estudo de caso.

Do ponto de vista da Gerontologia Ambiental, é possível reconhecer o quão dinâmicas são as relações entre os idosos e o meio ambiente ao considerar as dimensões das mudanças históricas, culturais e ecológicas, os arranjos sociais e familiares, as inovações tecnológicas e as características individuais (Batistoni, 2014; Oswald *et al.*, 2024). A ambiência, definida por conforto, produção de subjetividades e melhoria dos processos de trabalho (Brasil, 2010; Brasil, 2017), presente nas moradias institucionais é co-construída por moradores e funcionários e é efetivamente transformada de acordo com as mudanças resultantes da convivência com outros indivíduos. Um ambiente institucional de moradia mais amigável pode se tornar uma solução compatível com a evolução da dinâmica social.

Para isso, este artigo apresenta alguns dos resultados de um estudo realizado entre 2019 e 2020 em Lisboa. O estudo teve como objetivo estabelecer parâmetros arquitetônicos inovadores em moradias institucionais para pessoas idosas que promovam a autonomia dos residentes, facilitem os processos de atendimento e melhorem a qualidade dos serviços prestados.

Os arquitetos e urbanistas devem responder às novas demandas da sociedade, considerando que as pessoas idosas estão cada vez mais conectadas ao mundo virtual, havendo uma necessidade urgente de desenvolver opções de moradia que atendam às suas necessidades. Somente praticando a empatia será possível adentrar no universo dos residentes de moradias institucionais dedicadas a cuidar de idosos cada vez mais longevos.

Procedimentos Metodológicos

Esta foi uma pesquisa qualitativa e exploratória realizada em Portugal, na região de Lisboa, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), entre outubro de 2019 a janeiro de 2020. Mais de 25 ERPIs na região de Lisboa foram contatadas e convidadas a participar da pesquisa, mas apenas sete aceitaram o convite, formando assim a amostra final. Cada ERPI selecionou seus residentes e atestou as habilidades cognitivas dos participantes e a capacidade de responder às perguntas. A pesquisadora recebeu uma lista de participantes identificados pelos gerentes durante sua visita à instituição. Por fim, 61 idosos em sete instituições diferentes participaram da pesquisa. Os gerentes das ERPIs autorizaram a pesquisa, e todos os entrevistados assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os instrumentos utilizados foram um diário de campo, para registrar informações relevantes, tanto nas reuniões com os gerentes quanto durante as entrevistas; um questionário com perguntas fechadas sobre o ambiente físico e emocional da residência e entrevistas com um roteiro semiestruturado. O questionário continha 15 perguntas sobre o ambiente físico e social da ERPI, divididas em três domínios (conforto ambiental, bem-estar e pertencimento), cada um com cinco perguntas, respondidas usando uma escala Likert de faces, descritores e números de um a cinco, sendo o menor (1) “muito ruim” e o maior (5) “muito bom”. As entrevistas foram feitas individualmente após a aplicação do questionário, permitindo que os participantes elaborassem suas respostas e compartilhassem suas percepções subjetivas sobre o ambiente em que vivem, relacionamentos com outras pessoas e sentimentos com mais detalhes. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas posteriormente. A análise dos dados foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2009), que consiste em identificar categorias a posteriori que emergiram das semelhanças e diferenças nos discursos dos participantes, enfatizando termos e expressões que se repetiam com frequência. A pesquisa foi realizada em conformidade com os procedimentos éticos adotados pela universidade brasileira e aprovada pelo seu Comitê de Ética².

Resultados e Discussão

Participaram do estudo idosos residentes com idade entre 65 e 102 anos (média de 80,9 anos), 59% do sexo feminino e 41% do sexo masculino, com escolaridade variando do ensino fundamental ao superior. Os residentes entrevistados foram atestados como tendo capacidade cognitiva preservada pela equipe da ERPI e não apresentaram dificuldades com a escala de faces, uma vez que o reconhecimento poderia ser comprometido se houvesse perdas cognitivas.

Os dados de 61 questionários com 15 perguntas objetivas foram tabulados, e quase 13 horas de entrevistas gravadas foram transcritas. Os dados das respostas do questionário foram divididos nos mesmos três domínios que o compunham: Conforto ambiental, bem-estar e pertencimento.

O domínio Conforto Ambiental perguntou sobre as percepções de temperatura, iluminação e ventilação nas instalações, bem como sobre a circulação nos corredores e a manutenção de móveis e equipamentos. Houve uma predominância de respostas “boas” para as perguntas desse domínio (Figura 1). As opiniões foram divididas em uma ERPI entre “bom” e “muito bom”, e predominantemente “muito bom” em outra. Houve comentários sobre a intensidade da

² A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade brasileira em 8 de outubro de 2019 (número do processo 3.626.939).

iluminação artificial, a falta de ventilação devido ao cuidado com a preservação da saúde das pessoas mais frágeis e o uso constante de ar-condicionado para manter a temperatura. As críticas se referiam principalmente aos eventuais danos que causam desconforto, o que foi bastante enfatizado. Por outro lado, há opiniões positivas, mostrando que a percepção de conforto ambiental varia de acordo com o nível de fragilidade, mas também por um olhar mais crítico com o avanço da idade (Charles; Carstensen, 2010; Chaudhury; Oswald, 2019).

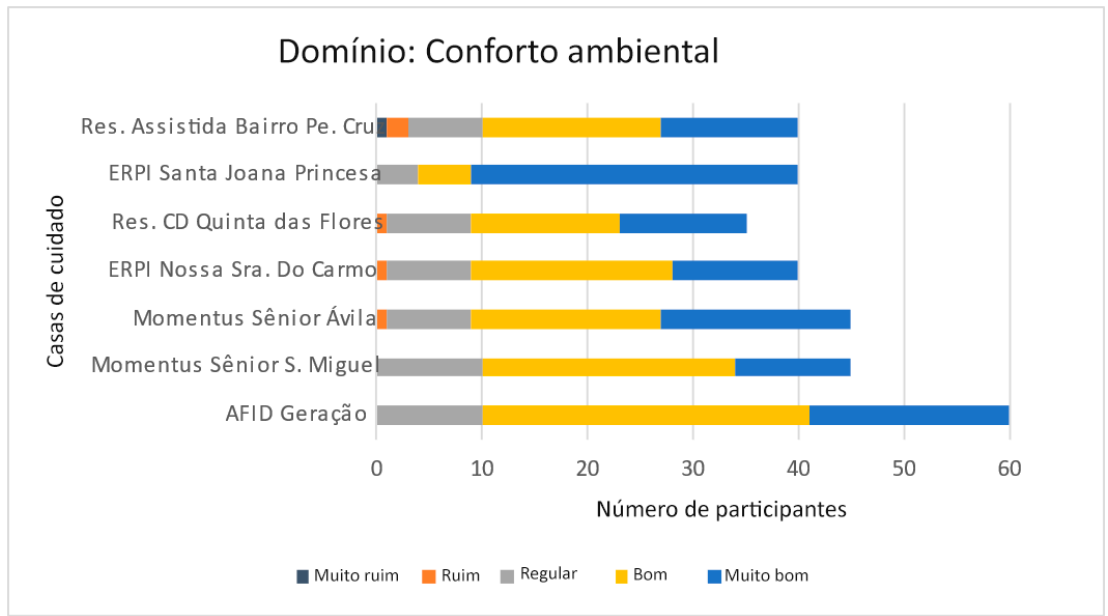


Figura 1 - Avaliação do domínio Conforto Ambiental.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

No domínio Bem-estar, os entrevistados avaliaram o conforto das poltronas e assentos na cafeteria, o desnível do piso, a circulação entre os cômodos e seu bem-estar geral na residência. As opiniões foram divididas (Figura 2), variando de “regular” a “muito bom”, especialmente em um dos locais. Três instalações tiveram pelo menos uma pessoa avaliando esse domínio como “ruim”. No entanto, as instituições foram classificadas, em sua maioria, como “boas” ou “muito boas”, caracterizando um resultado positivo. Os ruídos provenientes das conversas dos funcionários e dos residentes vivendo com demência se destacaram nos discursos, embora eles tenham dito que era tolerável porque estavam cientes do comportamento irregular que ocorre devido à demência. Eles também falaram sobre a altura e a firmeza dos assentos de sofás e poltronas, que causam desconforto ao se levantar. Os problemas de funcionamento interrompem a circulação quando muitas pessoas estão esperando pelos elevadores. A presença de muitos usuários de cadeiras de rodas é notada em corredores que, com frequência, não são largos o suficiente para uma passagem de mão dupla e pessoas em pé com andadores ou bengalas. Houve algumas percepções negativas em relação à sensação de estar longe da própria casa, às vezes sem a possibilidade de voltar, o que afetou a sensação geral de bem-estar na residência.

Por fim, o domínio Pertencimento avaliou as percepções sobre as respostas dos funcionários às sugestões e solicitações, sua simpatia e apreço pelos residentes, as atividades nos ambientes coletivos e o relacionamento com outros residentes. A maioria das opiniões variou de “bom” a “muito bom” (Figura 3). Apenas um local indicou uma ligeira predominância de “regular”, onde se concentravam muitos residentes com alto nível de escolaridade e ávidos por atividades

culturais, que nem sempre eram possíveis de serem oferecidas. Houve referências a situações de confronto com os cuidadores, especialmente porque a necessidade de acelerar o trabalho poderia levar a desconsiderar o tempo necessário para que o residente se sentisse integrado ao processo. Eles relataram a falta de interlocutores entre os residentes, pois havia muitos vivendo com demência. Outros se incomodavam com as condições de vida, gerando dificuldades de relacionamento e até mesmo competição pela atenção da equipe. É importante ter atividades alternativas que atendam aos desejos dos residentes, enquanto alguns preferem ambientes mais calmos, outros procuram interações mais animadas.

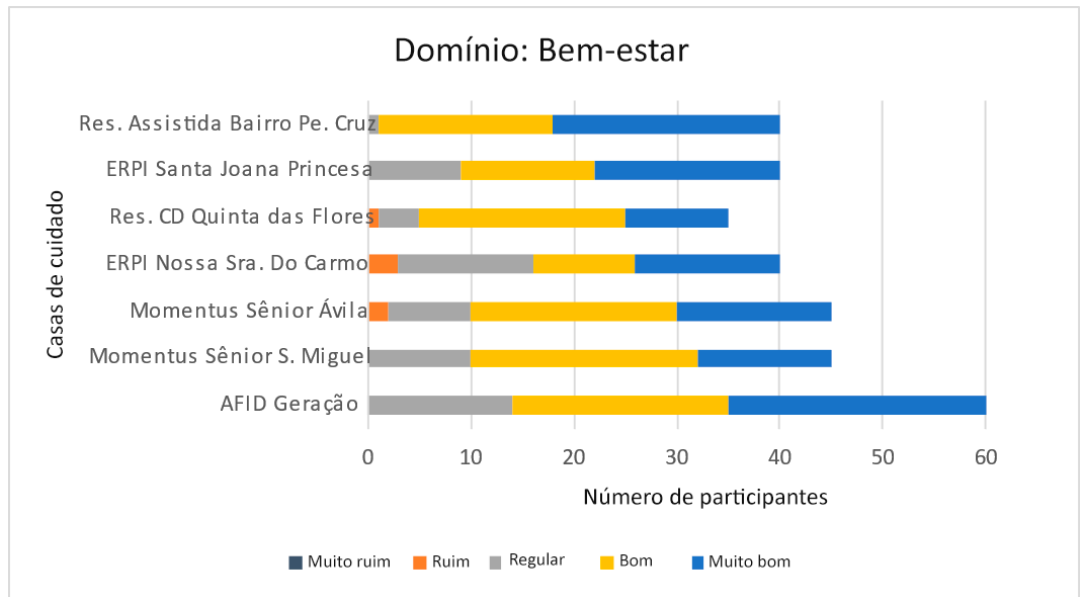


Figura 2 - Avaliação do domínio de bem-estar.

Fonte: Elaborada pelas autoras (2020).

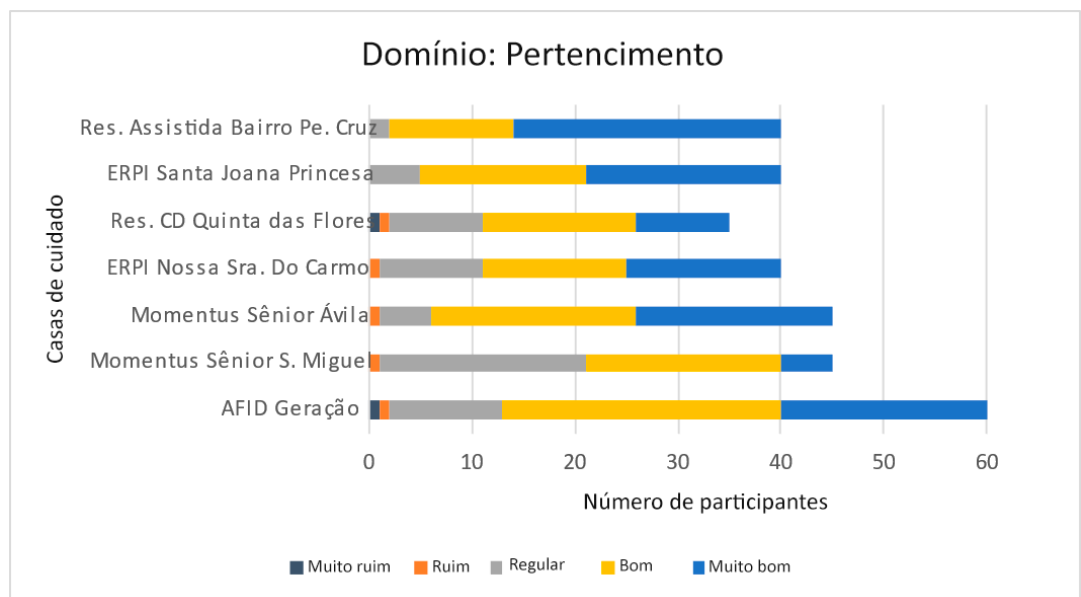


Figura 3 - Avaliação do domínio de pertencimento.

Fonte: Elaborada pelas autoras (2020).

Em seguida, os participantes prosseguiram com a entrevista, que avaliou suas percepções subjetivas do lar. Eles foram questionados sobre seus sentimentos em relação ao ambiente em que vivem e aos outros residentes, sensação de lar e familiaridade, e suas preferências em relação aos espaços e atividades nas instalações. As entrevistas foram realizadas sempre após a resposta ao questionário objetivo, momento que facilitou a comunicação e reduziu a resistência da maioria dos participantes.

Os dados das entrevistas gravadas foram analisados e distribuídos em três categorias de análise para cada pergunta: “Vantagens” - respostas com aspectos positivos que podem apontar ganhos relacionados às experiências na unidade; “Barreiras” - referem-se a restrições de bem-estar, que podem ter causas extrínsecas e intrínsecas³; e “Sugestões” - destacadas por alguns que manifestaram o desejo de contribuir com transformações que consideraram positivas e, portanto, merecem atenção por serem resultado de uma visão de baixo para cima, perspectiva que fundamenta o método adotado. Depois de organizar cada frase em uma das três categorias mencionadas acima, foram estabelecidas 16 subcategorias de análise e rotuladas com base na parte mais significativa dos discursos ou no significado subjacente do conteúdo, conforme descrito pela técnica de Bardin (2009). A *Tabela 1* apresenta as categorias e subcategorias e a frequência simples de repetição.

Tabela 1 - Frequência de termos divididos em vantagens, barreiras e subcategorias, Lisboa, 2020.

Subcategorias	Vantagens		Barreiras	
	n	%	n	%
Privacidade	35	7,40	22	5,49
Interação social	72	15,22	36	8,98
Agência	59	12,47	58	14,46
Pertencimento	53	11,21	14	3,49
Resiliência	20	4,23	32	7,98
Resistência	0	0,00	53	13,22
Autonomia	59	12,47	32	7,98
Território	33	6,98	27	6,73
Conforto ambiental	10	2,11	11	2,74
Destaque	35	7,40	8	1,99
Bem-estar	57	12,05	32	7,98
Segurança	21	4,44	21	5,24
Apego	3	0,63	17	4,24
Família	3	0,63	6	1,50
Modo de vida	5	1,06	10	2,49
Mobilidade	8	1,69	22	5,49
Total	473	100,00	401	100,00

Fonte: Elaborada pelas autoras (2020).

³ Deve-se considerar que a entrevista foi realizada em uma única oportunidade, embora tenha ocorrido somente após a concordância do entrevistado, situações desconfortáveis antes do encontro com a pesquisadora podem ter ocorrido e influenciado seu humor.

É possível notar que, entre os termos que expressam “Vantagens”, destaca-se “Interação social”, especialmente considerando a possibilidade de criar vínculos sociais vivendo em uma moradia institucional. A “interação social” foi menos vista como uma barreira, e aqueles que a classificaram como tal o fizeram principalmente por causa das dificuldades de viver em ambientes perturbados, especialmente devido às manifestações “incômodas” dos indivíduos que vivem com demência. Em alguns casos, os moradores tinham um relacionamento anterior com o bairro, o que contribuiu para manter os laços sociais. No entanto, aqueles que passaram a conviver com outras pessoas, o que significou ter companhia durante as refeições, atividades ou viagens e descobrir novas amizades, perceberam a solidão vivida anteriormente, sem apoio para os cuidados necessários ou mesmo com graves limitações de mobilidade devido à insegurança de não ter com quem contar. No entanto, é importante ter em mente que morar em instituições de longa permanência para pessoas idosas não garante que essas conexões sejam estimuladas, especialmente se as rotinas forem focadas apenas em cuidados e assistência. A participação ativa dos residentes no ambiente institucional é essencial, permitindo interações com colegas e facilitando o compartilhamento de atividades (Bonicenha, 2019; Regnier, 2018).

“Agência” teve frequências semelhantes em “Vantagens” e “Barreiras”. Agência é a capacidade que um indivíduo desenvolve para exercer controle sobre seu contexto físico e social, envolvendo comportamentos proativos (Nascimento, 2019; Oswald *et al.*, 2024; Wahl; Iwarsson; Oswald, 2012). Os processos de agência incluem cognição e controle sobre o ambiente físico, tanto no sentido reativo quanto proativo de uso, facilitando a compreensão do lugar vivido (Wahl; Iwarsson; Oswald, 2012). Na idade adulta, o senso de agência é alto, diminuindo à medida que envelhecemos devido a fatores como a diminuição das capacidades e mudanças na vida social, sendo acentuado com o tempo. Os participantes consideraram que o exercício de sua agência era benéfico e, às vezes, comprometido no ambiente institucional.

Manter objetos pessoais da residência original é uma forma de exercer agência, pois a pessoa idosa é um agente de mudança em sua própria vida por meio desses comportamentos intencionais e proativos (Wahl; Iwarsson; Oswald, 2012), como apontado por vários entrevistados em relação à posse de um aparelho de televisão ou de um rádio, além de peças de mobiliário, de acordo com o espaço disponível. Percebeu-se a intenção de manter alguma familiaridade com seu local de estima, seja por meio de um objeto ou pela possibilidade de compô-lo com móveis e outros complementos (Figura 4). Uma televisão em um ambiente privado permite lazer, passar o tempo e permanecer conectado, sendo o objeto pessoal mais popular entre todos os objetos. Eles indicaram que essa era a maneira mais comum de combater o tédio e que era importante para aqueles com limitações físicas, pois podiam usá-la de forma independente. Eles também chamaram a atenção para a importância de trazer móveis da casa antiga, com um valor emocional associado a eles, pois os fazem lembrar de momentos significativos de suas vidas (Hoof *et al.*, 2016). Por motivos de disponibilidade de espaço, muitas vezes compartilhado com outros residentes, as fotografias são os itens mais usados para lembrar momentos memoráveis, geralmente retratando membros da família (Figura 5).

Embora o contato social em ambientes agradáveis seja sempre desejável, o quarto apenas não define a sensação de lar, mesmo que contenha objetos importantes, como lembranças (Hoof *et al.*, 2016). A noção de lar faz parte da identidade do residente e integra o passado e o presente nos rituais e rotinas da vida cotidiana (Pallasmaa, 2017). Portanto, as instituições devem permitir que os residentes mais velhos exerçam sua agência em outros espaços fora do quarto, fazendo parte do processo de projeto e contribuindo para a manutenção da autonomia dos residentes.



Figura 4 - Quarto com móveis e pertences do morador pode ser uma forma de proporcionar familiaridade e exercitar a agência (ERPI Momentus Sênior Ávila à esquerda, Residência Bairro Padre Cruz à direita).

Fonte: fotos da autora Maria Luisa Trindade Bestetti (2020).



Figura 5 - Quando o quarto é compartilhado, a TV ou uma fotografia pode proporcionar um senso de agência aos residentes. Um quarto na AFID Geração, à esquerda, e na ERPI Nossa Senhora do Carmo, à direita.

Fonte: fotos da autora Maria Luisa Trindade Bestetti (2020).

A “autonomia” está relacionada à autogestão e à capacidade de tomar decisões (Neri, 2005). Também considera as preferências e necessidades para identificar elementos presentes em diferentes cenários (Bluyssen, 2020). Os estudos de Lawton e Nahemow (1973) pressupõem que combinações exclusivas de competência pessoal e características ambientais determinam o nível ideal de funcionamento de um indivíduo. Assim, há continuidade e controle sobre as atividades importantes para cada indivíduo porque a capacidade do indivíduo é combinada com as condições do ambiente (Oswald *et al.*, 2024; Regnier, 2018; Wahl; Iwarsson; Oswald, 2012). A adaptação do ambiente permite a manutenção da autonomia, evitando a dependência aprendida, quando a pessoa é auxiliada em algo que ela mesma pode fazer (Regnier, 2018). Manter o controle sobre as próprias capacidades contribui para superar as adversidades. Indivíduos perseverantes desenvolvem a capacidade de lidar com experiências inesperadas e criar novas estratégias para atingir objetivos

sem medo (Golant, 2015). Os participantes pareciam ter sua autonomia preservada, o que foi apontado como uma “Vantagem”, pois era importante que eles fizessem suas próprias escolhas. No entanto, alguns entrevistados indicaram um desejo de liberdade porque certas regras os forçaram a mudar seus hábitos quando chegaram à instituição (Hoof *et al.*, 2016). Mesmo que os adultos mais velhos confiem nos influenciadores, nos membros da família, na equipe e em outros atores sociais, a capacidade de exercer a agência e preservar sua autonomia pode reduzir a sensação de perder essas características (Golant, 2015; Wahl; Iwarsson; Oswald, 2012).

“Bem-estar” foi outro termo que teve uma frequência significativa como uma “Vantagem”. O bem-estar envolve condições de conforto, cultura e religião, bem como a compreensão de que as percepções são diferentes nos diferentes graus de dependência entre os idosos (Braga; Bestetti; Franco, 2016). Por exemplo, as preferências de design de interiores são pessoais, assim como as dimensões de algumas peças de mobiliário não atenderão às características antropométricas de todos os usuários (Regnier, 2018). Para os participantes, os ambientes de refeições exigem mais atenção ao ruído, à iluminação, ao revestimento do piso e ao design dos móveis. As cadeiras precisam de apoios para os braços e assentos altos o suficiente para facilitar o sentar e levantar (Regnier, 2018) (Figura 6).



Figura 6 - Deve-se dar atenção à ambiência dos espaços para refeições, pois a tentativa de enriquecimento pode sobrecarregar os residentes (ERPI Quinta das Flores).

Fonte: fotos da autora Maria Luisa Trindade Bestetti (2020).

Quanto ao conforto subjetivo, houve relatos de momentos de prazer ao apreciar a transparência das janelas, pois há uma forte sensação de lar ao ver o mundo através delas de forma controlada e segura (Pallasmaa, 2017). Quanto à saída da instituição, muitos têm medo de se sentirem desamparados, embora alguns mantenham rotinas de interação com a vizinhança para preservar sua autonomia. O conforto não é apenas físico, mas também envolve questões sociais, psicológicas e sentimentais construídas nos relacionamentos (Braga; Bestetti; Franco, 2016).

Por fim, “Pertencer” também foi uma “Vantagem” mencionada com frequência. Significa o sentimento de estar conectado ao ambiente físico e às relações sociais, refletindo situações

positivas de conexões (Nascimento, 2023; Wahl; Iwarsson; Oswald, 2012). A identidade cultural define o sentimento de “ter raízes”, uma troca entre o indivíduo e o local ao qual ele pertence (Pallasmaa, 2017). A necessidade de pertencer a algo se torna mais forte à medida que as pessoas envelhecem. Isso pode explicar por que as pessoas mais velhas buscam relacionamentos e ambientes que lhes proporcionem uma sensação de segurança e propósito. Eles tendem a preferir ambientes que promovam seu bem-estar e emoções positivas (Charles; Carstensen, 2010; Nascimento, 2019). O pertencimento incorpora aspectos cognitivos, emocionais, comportamentais e físicos, e a familiaridade é desenvolvida ao longo do tempo (Oswald *et al.*, 2024; Wahl; Iwarsson; Oswald, 2012). Aqueles que vivem em um ambiente coletivo devem se reconhecer nesse espaço para habitá-lo, construindo novos vínculos com pessoas e lugares para realmente torná-lo seu lar (Pedroso, 2018).

A atitude dos funcionários é uma questão fundamental para o senso de pertencimento e bem-estar, bem como para as interações sociais com outros residentes, uma vez que a instalação institucional pode não parecer um ambiente doméstico (Regnier, 2018). Como eles se esforçam para demonstrar alegria e afeto, podem incomodar os residentes com ações barulhentas, efusivas ou impertinentes. As diferenças culturais apareceram com em algumas entrevistas, já que muitos funcionários das instituições vêm de antigas colônias portuguesas na África e têm comportamentos diferentes do português continental. Nesse caso, a incapacidade de se relacionar com outros indivíduos pode levar à apatia e a respostas negativas de ambos os lados, afetando o bem-estar e o senso de pertencimento ao grupo e dificultando a participação ativa (Bonicenha, 2019).

O envolvimento em atividades como alimentação de pássaros, jardinagem e rega de plantas também pode proporcionar um maior senso de propósito (Regnier, 2018). Alguns dos locais visitados possuem até pequenos animais de estimação, demonstrando que o contato com a natureza e com os animais pode reduzir o estresse e a solidão, incluindo a oportunidade de estabelecer relacionamentos afetivos. Os jardins são importantes para o relaxamento e o lazer quando integrados a áreas de estar, e as vistas do jardim podem ser aproveitadas por meio de janelas grandes e peitoris baixos, otimizando a visualização para uma pessoa sentada ou deitada, garantindo oportunidades iguais para todos os residentes, independentemente de sua capacidade ou nível de dependência (Regnier, 2018).

Embora não menos importantes, outras subcategorias tiveram frequências menos significativas tanto em “Vantagens” quanto em “Barreiras”, como “Privacidade”, “Resiliência”, “Território” e “Segurança”.

Considerações Finais

Com base nos aspectos indicados pelos dados coletados em equipamentos residenciais para pessoas idosas na região de Lisboa, é possível listar algumas sugestões de parâmetros arquitetônicos para o projeto de instituições de longa permanência para pessoas idosas, objetivo deste estudo.

Começando pelo quarto, onde muitos moradores passam longas horas, é necessário criar mais privacidade em apartamentos compartilhados, usando sistemas de cortinas com controle remoto, por exemplo, bem como facilitar a acomodação de móveis e objetos pessoais, oferecendo opções compatíveis com o tamanho do quarto. Com relação à comunicação e ao uso do espaço, deve-se considerar uma maneira fácil de identificar as portas, usando símbolos, cores, imagens ou outros elementos que sejam facilmente compreendidos por todos

os residentes. Animar os corredores e as áreas internas com elementos visuais, como um mural especial, pinturas, plantas ou arte, pode incentivar a mobilidade dentro da instalação, especialmente para os residentes que se sentem inseguros ou obrigados a ficar no quarto. A definição de ambientes menores com diversos elementos sensoriais também é incentivada, tanto em ambientes internos quanto externos (Figura 7).

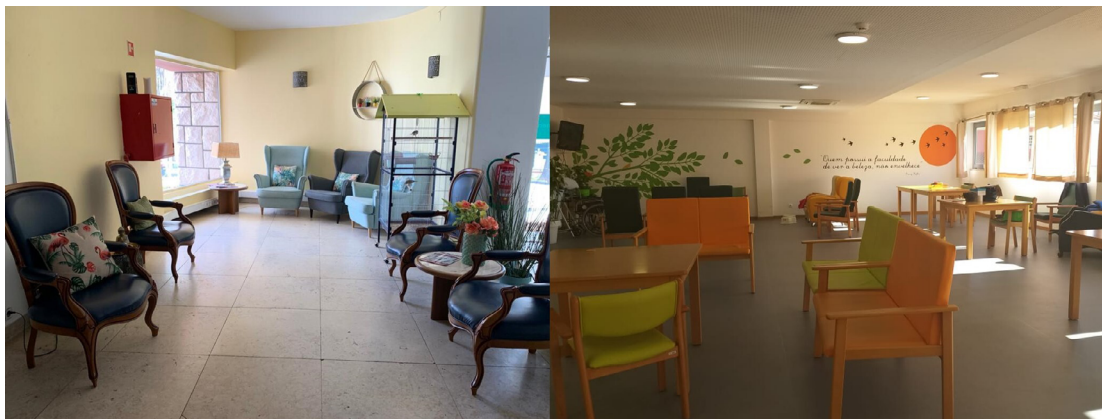


Figura 7 - A possibilidade de criar áreas menores (ERPI Momentus Sênior São Miguel à esquerda), mesmo em salas grandes (ERPI Santa Joana Princesa à direita), é incentivada para promover encontros entre os moradores.

Fonte: fotos da autora Maria Luísa Trindade Bestetti (2020).

Organizar os refeitórios para possibilitar a convivência, reduzindo o ruído causado pelo manuseio de utensílios, orientando os funcionários a reduzir a interferência e estimulando as conversas entre os que convivem. Fornecer revestimentos que melhorem a acústica na mesa e escolher móveis com proporções adequadas para residentes com postura comprometida, incluindo assentos e apoios para os pés elevados, contribui para um ambiente mais resolutivo. Aprimorar os ambientes de convivência com *layouts* que permitam a formação de grupos, compondo-os com sofás e poltronas em proporções adequadas, e possibilitar o uso de espaços externos com revestimentos antiderrapantes, rampas de baixa inclinação e espaços de descanso, são condições que incentivam a interação dos moradores.

Recomenda-se o uso de janelas que permitam ventilação superior ou abertura total, trazendo luz natural e ventilação, principalmente para os quartos. A iluminação deve ser compatível com o uso, oferecendo diferentes opções a serem usadas ao longo do dia de acordo com a atividade que está sendo realizada (Figura 8). Quanto aos ambientes complementares, a criação de salas terapêuticas para atividades recreativas e a manutenção de equipamentos em espaços amplos, acolhedores e convidativos também devem ser consideradas. Se possível, incorporar uma sala para terapia sensorial com isolamento térmico e acústico, reservada para tratamentos que exijam concentração e tranquilidade. Por fim, é essencial fornecer o uso de dispositivos de assistência para reduzir a carga sobre os cuidadores e a equipe e melhorar as condições de atendimento para indivíduos dependentes.

Além disso, o incentivo às relações intergeracionais na combinação de creche e moradia para pessoas idosas pode beneficiar ambos os grupos, especialmente quando as instalações estão próximas e as interações são planejadas (Arentshorst; Kloet; Peine, 2019), como encontrado em duas das sete instituições (Figura 9). As experiências intergeracionais e a promoção de atividades diversificadas exigem soluções adaptadas a diferentes necessidades e desejos.



Figura 8 - Aberturas na fachada com diferentes tamanhos e alturas (Residência Bairro Padre Cruz à esquerda), terraços e jardins (ERPI Quinta das Flores à direita) são recomendados para fornecer luz natural, ventilação e uma conexão entre os residentes e a comunidade fora das instalações.

Fonte: fotos da autora Maria Luisa Trindade Bestetti (2020).



Figura 9 - A combinação de um jardim de infância e uma residência para pessoas idosas no mesmo edifício (AFID Gerações) incentiva as relações intergeracionais por meio de atividades conjuntas e espaços compartilhados.

Fonte: fotos da autora Maria Luisa Trindade Bestetti (2020).

As instituições de longa permanência ou moradias institucionais para pessoas idosas cuidadosamente planejadas e projetadas não apenas apoiam os processos relacionados à agência e à autonomia na vida adulta, mas também podem promover um senso de pertencimento ao criar novos relacionamentos e amizades entre pessoas de diferentes gerações, origens, gêneros, raças e culturas. As relações sociais positivas contribuem para o bem-estar, reduzem os níveis de estresse e podem melhorar a capacidade cognitiva, levando a um aumento da satisfação com a vida e da felicidade, impactando a qualidade de vida geral na velhice (Charles; Carstensen, 2010).

Além disso, sugere-se que estudos futuros pesquisem casos em outros países e regiões, considerando que há diferenças culturais. Avaliar um número maior de instalações e perguntar aos

funcionários e a outros residentes mais antigos, incluindo pessoas que vivem com demência ou que não podem sair de suas camas, também seria interessante para aprofundar o entendimento do ambiente em moradias institucionais. Por fim, se forem feitas mudanças significativas em uma instalação de moradia institucional, é importante seguir o processo e realizar uma avaliação pós-ocupação. Essa avaliação pode como as mudanças são percebidas pelos residentes e pela equipe e pode ser útil para propor novas diretrizes e políticas.

Referências

- Amaral, E. D. *Tecnologia e Inovação*. Montes Claros-MG: Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, 2015.
- Arentshorst, M. E.; Kloet, R. R.; Peine, A. Intergenerational housing: the case of humanitas Netherlands. *Journal of Housing for the Elderly*, v. 33, n. 3, p. 244–56, 2019. Doi: <https://doi.org/10.1080/02763893.2018.1561592>.
- Bardin, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.
- Batistoni, S. S. T. Gerontologia Ambiental: panorama de suas contribuições para a atuação do gerontólogo. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 17, n. 3, p. 647–57, 2014. Doi: [10.1590/1809-9823.2014.13088](https://doi.org/10.1590/1809-9823.2014.13088)
- Bello, L. População do país vai parar de crescer em 2041. *Agência de Notícias IBGE*, 2024. Available at: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41056-populacao-do-pais-vai-parar-de-crescer-em-2041>. Cited: Aug. 23, 2024.
- Bluyssen, P. M. Towards an integrated analysis of the indoor environmental factors and its effects on occupants. *Intelligent Buildings International*, v. 12, n. 3, p. 199–207, 2020. Doi: [10.1080/17508975.2019.1599318](https://doi.org/10.1080/17508975.2019.1599318)
- Bonicenha, R. C. *Envelhecimento na Cidade: o caso da Vila dos Idosos*. 2019. Tese (Doutorado em Planejamento e Gestão do Território) - Universidade Federal do ABC, Santo André, 2019.
- Braga, A. A.; Bestetti, M. L. T.; Franco, F. G. M. O Conforto na Ambiência de Idosos Moradores em Instituições de Longa Permanência. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 19, n. 2, p. 327–347, 2016.
- Brasil. Ministério da Saúde. *A experiência da diretriz de Ambiência da Política Nacional de Humanização – PNH*. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. *Ambiência*. 2. ed. Textos Básicos de Saúde. Brasília-DF, 2010.
- Brasil. Agência Nacional De Vigilância Sanitária. *Resolução de Diretoria Colegiada - RDC No 502, de 27 de maio de 2021*. Available at: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2020/rdc0502_27_05_2021.pdf. Cited: Aug. 23, 2024.
- Camarano, A. A.; Kansa, S. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 27, n. 1, p. 232–235, 2010. Doi: [10.1590/S0102-30982010000100014](https://doi.org/10.1590/S0102-30982010000100014).
- Charles, S. T.; Carstensen, L. L. Social and emotional aging. *Annual Review of Psychology*, v. 61, n. 1, p. 383–409, 2010. Doi: <http://doi.org/10.1146/annurev.psych.093008.100448>.
- Chaudhury, H.; Oswald, F. Advancing understanding of person-environment interaction in later life: One step further. *Journal of Aging Studies*, v. 51, p. 100821, 2019.
- Costa, M. C. N. S.; Mercadante, E. F. O idoso residente em ILPI (Instituição de Longa Permanência do Idoso) e o que isso representa para o sujeito idoso. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 16, n. 2, p. 209–222, 2013. Doi: [10.23925/2176-901X.2013v16i1p209-222](https://doi.org/10.23925/2176-901X.2013v16i1p209-222).
- Silva, N. A. M. E.; Yamaguchi, M. B. A ILPI como Espaço para Moradia. In: Bestetti, M. L. T.; Graeff, B. (org.). *Habitação e Cidade para o Envelhecimento Digno*. São Paulo: Portal do Envelhecimento, 2017. p. 113–217.
- Fonseca, A. M. (org.). *Boas práticas de Ageing in Place. Divulgar para valorizar: Guia de boas práticas em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2018.
- Fonseca, A. M. “Ageing in Place” – Envelhecer em casa e na comunidade. *PerCursos*, v. 24, p. e0104, 2023.
- Golant, S. M. Residential Normalcy and the Enriched Coping Repertoires of Successfully Aging Older Adults. *The Gerontologist*, v. 55, n. 1, p. 70–82, 2015.

- Hoof, J. *et al.* The Importance of Personal Possessions for the Development of a Sense of Home of Nursing Home Residents. *Journal of Housing for the Elderly*, v. 30, n. 1, p. 35-51, 2016. Doi: <https://doi.org/10.1080/02763893.2015.1129381>.
- Lawton, M. P.; Nahemow, L. Ecology and the aging process. In: Eisdorfer, C.; Lawton, M. P. (org.). *The Psychology of Adult Development and Aging*. Washington: American Psychological Association, 1973. p. 619-674.
- Nascimento, M. A. S. *Do velho para o novo: percepções de idosos sobre o processo de studentification, as mudanças sócio-físicas do bairro e o aging in place*. 2019. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- Nascimento, M. A. S. *Entre os meus: envelhecer em comunidade (ageing in place): uma abordagem multidimensional para arquitetura e urbanismo*. 2023. 234 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023.
- Neri, A. L. *Palavras-Chave em Gerontologia*. 2. ed. Campinas: Editora Alínea, 2005.
- Oswald, F. *et al.* Environmental Gerontology: Conceptual Foundations and Research Projects in Brazil. In: Doll, J.; Kohlrusch, E. (org.). *Educação e Envelhecimento: perspectivas e tendências*. porto alegre: cirkula, 2024. p. 79-108.
- Pallasmaa, J. *Habitar*. São Paulo: Gustavo Gilli, 2017.
- Pedroso, E. S. R. *Intervalos do Apego - a relação afetiva entre o idoso e a moradia coletiva institucional no Brasil e em Portugal*. 2018. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- Regnier, V. *Housing Design for an Increasingly Older Population*. Hoboken, NJ: John Wiley & Son, 2018.
- Rowles, G. D. Place and personal identity in old age: Observations from Appalachia. *Journal of Environmental Psychology*, v. 3, p. 299-313, 1983.
- Silva, N. A. M. E.; Nascimento, M. A. S.; Bestetti, M. L. T. Ambiência em instituições de longa permanência para idosos: rumo a uma visão mais abrangente da literatura. *Revista Kairós: Gerontologia*, v. 23, n. 2, p. 417-434, 2020.
- United Nations. *World Population Prospects - Population Division*. [S.l.]: United Nations, 2019. Available at: <https://population.un.org/wpp2019/>. Cited: Aug. 24, 2024.
- Wahl, H.-W.; Iwarsson, S.; Oswald, F. Aging Well and the Environment: toward an integrative model and research agenda for the future. *The Gerontologist*, v. 52, n. 3, p. 306-316, 2012.

Agradecimentos

Agradecemos o apoio de colegas da Universidade de São Paulo durante o período de pós-doutorado no exterior e à supervisora da pesquisa na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Agradecemos também à FAPESP pelo financiamento da pesquisa (processo 2019/02186-0).

Colaboradores

M. L. T. Bestetti concepção e projeto, investigação, análise e interpretação dos dados, redação - rascunho original, redação - revisão e edição, aprovação da versão final. M. A. S. Nascimento: concepção e desenho, visualização, redação - revisão e edição.